

Vol XVI, Núm 2, jul-dez, 2023, pág. 40-56.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Youth and Adult Education in Times of Pandemic and Social Isolation

Katiuscia da Silva Santos
Juarez da Silva Paz
Luís Alcoforado
Silvar Ferreira Ribeiro

Resumo

Considerando o contexto educacional durante o isolamento social, imposto pela COVID19, este texto tem como finalidade analisar as dificuldades dos sujeitos da Educação Jovens e Adultos na efetivação das atividades escolares durante o período de isolamento social em virtude da pandemia do Coronavírus. Para explorar o fenômeno do ensino remoto emergencial para EJA num município da Bahia, recorre à estratégia de estudo de caso, utilizando, como técnica de coleta de dados, entrevistas narrativas com estudantes e professores da Educação de Jovens e Adultos, por meio do aplicativo WhatsApp, no ano de 2020. Partindo de uma reflexão sobre as falas dos sujeitos e do embasamento teórico em alguns autores e documentos, percebeu-se que existe uma fragilidade metodológica da escola em disponibilizar um único meio de atividade remota, pois o público da EJA tem suas singularidades enquanto modalidade da educação e as metodologias utilizadas precisam dar conta das especificidades.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; pandemia COVID19; Ensino Remoto Emergencial;

Abstract

Considering the educational context during social isolation, imposed by COVID19, this text aims to analyze the difficulties of Youth and Adult Education subjects in carrying out school activities during the period of social isolation due to the Coronavirus pandemic. In order to explore the phenomenon of emergency remote teaching for EJA in a municipality in Bahia, it resorts to the case study strategy, using, as a data collection technique, narrative interviews with students and teachers of Youth and Adult Education, through the WhatsApp app, in 2020. Starting from a reflection on the subjects' speeches and the theoretical basis in some authors and documents, it was noticed that there is a methodological fragility of the school in providing means of remote activity, since the EJA public has its singularities as a modality of education and the methodologies used need to account for the specificities.

Keywords: Youth and Adult Education; COVID19 pandemic; Emergency Remote Teaching;

1. Introdução

Mesmo quando é assumida como uma parte integrante dos sistemas educacionais nacionais, como é o caso do Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) revela, frequentemente, fragilidades que lhe dão, de maneira recorrente, um estatuto pouco consentâneo com a incontornável importância de, assumindo um ethos alinhado com a construção de uma vida diária mais digna, contribuir para mudanças imediatas das pessoas e dos seus contextos de vida. As características das pessoas que a EJA envolve (ARROYO, 2017) deveria obrigar ao contínuo reforço de uma especificidade teórica e de práticas que se alinhassem pela valorização da experiência das pessoas envolvidas, partindo dela para um processo de problematização da realidade que permitisse a transformação da realidade. Foram exatamente estas ideias que configuraram a originalidade dos contributos de Paulo Freire e que tanto reconhecimento lhe mereceram, à escala planetária. A associação da epistemologia e da política, o diálogo e a conscientização, como centralidade absoluta de atos educativos que devem contribuir para a construção de sociedades mais justas (ALCOFORADO, 2022) deveriam ser

princípios orientadores que são, recorrentemente, negligenciados, nas dinâmicas educacionais das políticas públicas.

Em momentos de crises pandêmicas, como aquela que (ainda) estamos a viver, os problemas enunciados sofrem um agravamento substancial. Se a frequência da EJA, mesmo necessitando de se repensar continuamente, é absolutamente necessária para uma percentagem muito elevada da população, também é reconhecida a dificuldade habitual para envolver as pessoas que mais necessitam destas respostas educativas, o que se torna muito mais problemático, em tempos de isolamento social, provocado por crises sanitárias. É verdade que as Escolas fizeram, nos tempos mais recentes, um pouco por todo o mundo (ALCOFORADO; FIGUEIREDO; AFONSO, 2022), um esforço louvável para manter o contacto com os/as alunos/as recorrendo a modalidades que, até ao início da pandemia, ou eram desconhecidas, ou não eram utilizadas para estes fins, pelos diferentes agentes. No entanto as disparidades relativas à igualdade de condições de acesso e as diferenças de proficiência no uso de ferramentas e aplicativos, coloca dúvidas legítimas sobre o efeito dessas atividades.

Este trabalho procura constituir-se como um contributo para ajudar a encontrar algumas respostas para essas interrogações, assumindo como objetivo central analisar as dificuldades das estudantes da EJA na efetivação das atividades remotas encaminhadas pela escola nesse período de isolamento social e enunciando como questão orientadora: quais as dificuldades enfrentadas pelas estudantes da EJA para a realização das atividades remotas?

Procurando trazer a sistematização da informação recolhida e das reflexões que ela permitiu, este texto está estruturado em três seções. Nas considerações iniciais, primeira seção do escrito, consta uma breve apresentação do tema pesquisado com destaque para os motivadores da pesquisa e as estratégias metodológicas empregadas.

Na segunda seção são apresentados os achados da pesquisa, que são os relatos das estudantes e professores da EJA. Nesta perspectiva, são evidenciados os mecanismos que a escola está utilizando para o encaminhamento de atividades nesse tempo de isolamento social, as dificuldades de professores e alunos para realizar as atividades, além de apresentar uma reflexão sobre a aplicabilidade e efetividade dos meios utilizados pela escola para fazer chegar a atividade até o estudante da EJA, bem como a percepção dos professores sobre este processo. Por fim, temos as considerações

finais, que trata do confronto com a teoria através da síntese comentada das seções anteriores.

Assim, por meio das narrativas dos sujeitos, este artigo reflete sobre o processo da EJA diante da Pandemia, traçando um breve panorama sobre as formas de ensinar e aprender e as dificuldades enfrentadas por estudantes e professores na construção das atividades remotas nesse tempo pandêmico. Destacamos, ainda, que os relatos dos estudantes e professores são motivo de inspiração para a construção desse trabalho.

2. Metodologia

Com o início das aulas remotas, por conta do cenário pandêmico, muitos trabalhos foram publicados com a finalidade de relatar os desafios, perspectivas e apresentar propostas metodológicas eficientes para o novo cenário educacional. No entanto, diante de tantas publicações surge a necessidade de maior investigação, para conhecimento do real contexto educacional baiano para entender sua dinâmica, principais dificuldades e desafios.

Assim, desenvolvemos este texto com o objetivo de analisar as dificuldades dos sujeitos da Educação Jovens e Adultos na efetivação das atividades escolares durante o período de isolamento social em virtude da pandemia do Coronavírus, por meio de estudo de caso único, com o intuito de explorar o fenômeno de oferta das aulas no formato de ensino remoto emergencial no município de Cruz das Almas na Bahia, no ano de 2020. Nesse sentido, foram realizadas algumas técnicas e ações de pesquisa, inicialmente com aplicação de questionário via formulário on-line e, posteriormente, fazendo um recorte mais específico, foram realizadas entrevistas narrativas com docentes e discentes dos municípios de Cruz das Almas realizadas através de redes sociais.

A metodologia escolhida, de abordagem qualitativa, que baseia este estudo, foi definida pela característica de refletir sobre a complexidade do fenômeno que estuda (AMADO; FREIRE, 2020, p.125). Optou-se pelo estudo de caso, que visa entender um fenômeno do mundo real, e assumir que este entendimento provavelmente englobe importantes condições contextuais pertinentes ao caso (YIN, 2015, 17). A definição da técnica de entrevista narrativa, por meio de conversas através de redes sociais, foi a

mais indicada devido ao distanciamento social imposto pela pandemia da COVID 19. Utilizamos relatos a fim de desvelar as experiências e significados da educação de jovens e adultos para cada entrevistado. Andrade (2012, p. 175) sinaliza que:

A partir da história de vida escolar (re) construída por meio de entrevistas narrativas é possível resgatar o relato de experiências individuais que estabelecem comunicação ou relação com determinados fatos, instantes e/ou momentos, com as histórias que ouvimos ou lemos e que, para os/as jovens, são [foram] decisivos e constitutivos de uma experiência vivida.

Desse modo, entendemos que a entrevista narrativa se constitui através das lembranças dos sujeitos, das leituras das suas vivências e de suas experiências, expondo, a partir destas, aspectos relevantes sobre a sua identidade.

A motivação para a escrita deste artigo parte de uma atividade de PBL - *Problem Based Learning* (aprendizagem baseada em problemas)¹, realizada durante o segundo semestre de 2020, proposta pela disciplina de **Tecnologias da informação e difusão social do conhecimento** no **Programa de Pós-graduação Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento- PPGDC**², trabalho que proporcionou o mapeamento do perfil da educação do território baiano no que se refere ao uso das tecnologias digitais durante a pandemia.

Na oportunidade, foi aplicado um questionário via formulário eletrônico on-line, a 497 respondentes, em dezesseis dos vinte e sete Territórios de Identidade da Bahia, dos quais 42% eram estudantes e 58% professores. Dos estudantes que responderam, apenas 7% estudavam na modalidade da EJA (ensino fundamental ou médio). Após a realização da atividade de PBL, considerando a carência de respondentes discentes da Educação de Jovens e Adultos, optou-se por dar prosseguimento, com a escolha de um dos municípios participantes da pesquisa PBL, Cruz das Almas, e optou-se, a partir da indicação de utilização da rede social Whatsapp³ por 99,6% dos estudantes nos resultados encontrados, por fazer uso da referida rede social na realização de uma nova

¹ Estratégia de aprendizagem centrada no estudante, onde um problema, contextualizado na formação pretendida que contempla os conhecimentos mínimos exigidos na disciplina, é utilizado como elemento de integração de diversas áreas do conhecimento científico (BERBEL, 1998)

² Programa de Pós-graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento mantido pela rede: UFBA, UNEB, IFBA, LNCC, UEFS, SENAI-CIMATEC.

³ Indicado por 75% dos professores como principal recurso utilizado para o ensino remoto por instituições de ensino, e por 99,6% dos estudantes da EJA, que participaram da PBL (2020).

atividade, para escuta mais detalhada. O município de Cruz das Almas foi eleito como locus para a realização das entrevistas, considerando que o mesmo fazia parte dos municípios que não obtiveram resposta no formulário pelos estudantes da modalidade. O convite de participação da pesquisa foi enviado no grupo pelas redes sociais de uma das escolas da EJA do município, e assim quatro sujeitos, dois professores e dois estudantes, aceitaram participar das entrevistas. A seguir apresentamos os achados deste trabalho com discentes e docentes.

3. Resultados

Respeitando o cenário atual mundial em relação ao COVID-19 e tomando todas as medidas restritivas e cuidados com a saúde individual e coletiva, foram entrevistadas duas estudantes da EJA e dois docentes por meio do aplicativo do *WhatsApp*. E com o intuito de preservação de identidade, foram utilizados nomes fictícios, pseudônimos, tendo o nome da Unidade Escolar também preservada. Os diálogos mostram as dificuldades encontradas pelos estudantes na utilização de ferramenta digital do *Whatsapp* como ferramenta única inicial, e o descontentamento dos docentes com a falta de interação e retorno de atividades que a utilização da ferramenta proporcionou, a seguir estão apresentados os diálogos mais relevantes:

3.1. Percepções dos estudantes da EJA

As entrevistas aconteceram com duas discentes do Ensino Fundamental I e II, a idade, cor, ocupação e turma das estudantes envolvidas na pesquisa, são evidenciadas da seguinte maneira, respectivamente: a primeira, Lurdes, tem 49 anos, cor definida por ela preta, como ocupação dona de casa e estuda no Eixo III; a segunda, Jamile, tem 51 anos, cor definida por ela amarela, ocupação dona de casa e estuda no Eixo IV.

No roteiro utilizado para a entrevista foram levantados dois blocos de questões que abordaram, respectivamente: Identificação da estudante (nome, idade, cor, ocupação e turma) e informações acerca do envio das atividades remotas pela escola.

Todo o material colhido nas entrevistas foi aproveitado para a análise, sendo privilegiados alguns relatos, os quais apresentaram maior relevância para a

compreensão dos aspectos pesquisados. Ainda, entre os critérios estabelecidos no presente estudo, constituiu-se como primordial verificar no discurso das estudantes, qual a melhor opção para um maior aprendizado que venha contribuir para que o/a estudante se aproprie dos saberes difundidos pela escolarização, como prioriza Paulo Freire.

Quando questionadas se a escola está encaminhando atividades nesse tempo de isolamento social, as duas responderam que sim, sendo que são enviadas pelo aplicativo *WhatsApp*. Nesse sentido, Jamile relata: *“Foi criado um grupo do WhatsApp com os meus colegas de turma para os professores enviarem atividades, porém, às vezes, alguns professores postam atividades e outros não”*.

A fala de Jamile deixa transparecer que não existiu, no caso específico da escola onde elas estudam, uma aderência por parte de todos os/as professores/as com relação ao envio das atividades, o que foi notado pelas educandas. Pode ser destacada a sensibilidade das estudantes em perceber a não participação de todos os/as docentes nos encaminhamentos das atividades, sendo que os/as estudantes da EJA conseguem fazer suas leituras próprias das situações a partir de suas experiências de vida. Aqui poderíamos muito bem trazer Paulo Freire, quando analisa que *“a leitura do mundo precede a leitura da palavra”* (FREIRE, 1989, p. 9).

Ao perguntar sobre as dificuldades em realizar as atividades enviadas pelos professores por meio do aplicativo *WhatsApp*, Jamile relata:

“Não tenho muito interesse pelos estudos pelo WhatsApp ... estou quase desistindo de estudar ... ou melhor, acho que já desisti, pois tem um tempo sem fazer e nem falar nada no grupo. No WhatsApp o professor passa a atividade e as vezes não fala muita coisa e nos respondia e às vezes ele não falava nada. Não é igual ir para a escola.”

Nessa mesma direção, Lurdes pontua:

Não tenho muita afinidade com o celular, muitas coisas fico sem entender. Atividade só no WhatsApp é complicado; os professores colocam as atividades e falam se tiver alguma dúvida pode perguntar. Com meus afazeres domésticos

não tenho como olhar a atividade... quando vou olhar já é bem depois, fico sem saber se posso perguntar. Melhor na escola. Às vezes fico sem internet, não tenho dinheiro para colocar crédito no celular.”

A partir do posicionamento das entrevistadas, percebemos respostas um tanto quanto próximas no sentido das dificuldades colocadas em relação às atividades enviadas por meio do *WhatsApp*. Poderíamos aqui refletir sobre as limitações não somente educacionais, mas também sociais enfrentadas por boa parte das estudantes da EJA, como acesso à internet de qualidade e suas múltiplas funções (estudante, dona de casa, mãe, avó). Esse momento pandêmico evidenciou as discrepâncias sociais que não permitem acesso igualitário à educação em todos os níveis de ensino. Entretanto, quando se trata da EJA essa evidencia fica ainda maior.

Ao perguntar sobre a preferência em relação às aulas presenciais e a alternativa das atividades por meio do *WhatsApp*, Jamile relata que:

“Nós não somos mais criança. A gente gosta de estar juntas, conversando, debatendo, a gente gosta do presencial, a gente não pega muito rápido igual ao jovem. Não entendi isso o professor repete e no WhatsApp ele vai responder. Tem atividade, mas desanimei. O presencial é bem melhor. Os professores são dedicados, maravilhosos, sinto muita falta do contato com os professores.”

Nessa mesma direção, Lurdes diz: *“acho péssimo atividade no whatsapp, melhor mesmo é na escola”*.

As respostas dadas pelas discentes evidenciam que a escola é espaço de socialização e de partilha de saberes, que auxilia no processo de aprendizagem. Quando uma das falas diz *“não somos mais criança”* e *“a gente não pega muito rápido igual ao jovem”*, várias situações estão explicitadas. O/A estudante da EJA precisa ser respeitado/a a partir de suas especificidades, de estudante jovem e adulto, trabalhador/a, autor/a de uma história de vida que muito já foi traçada, pois sua aprendizagem se dá a partir desse lugar. Fica evidente também que nos casos supracitados há uma relação de afetividade para com a escola e com os/as professores/as.

3.2. Percepções do/a professor/a da EJA

Ao dialogar com o/a professor/a da EJA, buscamos refletir sobre o processo de ensino e aprendizado promovido através da ação docente, foram realizadas entrevistas por meio do aplicativo *WhatsApp* utilizando de diálogos por chamadas de vídeo, áudio e mensagem de texto. A escolha da realização da entrevista por meio do aplicativo se justifica em virtude do período de isolamento social.

O diálogo aconteceu com a professora do componente de Língua Portuguesa, que tem 07 anos de atuação na EJA e com o Professor do componente de Geografia, que tem 03 anos de atuação na modalidade. Ambos atuam na mesma unidade escolar onde as estudantes entrevistadas estão matriculadas.

Foi elaborado um roteiro de entrevistas, o qual trata sobre o processo de postagem da atividade para os estudantes no grupo do *WhatsApp*; a interação com a turma (professor e aluno) no grupo de *WhatsApp* criado pela escola; e as vantagens e desvantagens da utilização do referido aplicativo como ferramenta metodológica. Sobre o processo de postagem das atividades os professores relataram:

Professora: “Alguns contatos dos alunos a escola não possui e alguns alunos não têm telefone. A questão da conexão da [sic] internet tem algumas dificuldades porque assim como os alunos, moro na zona rural, mas tenho conseguido postar as atividades utilizando os meus créditos pessoais do celular.”

*Professor: “Trabalho com pessoas maduras que querem recuperar o tempo perdido. Não são mais crianças, não me dão trabalho, são amigos. No entanto, eles têm dificuldade em absorver o conteúdo mesmo com os professores de forma presencial, em sala de aula. Imagine esse tempo de pandemia, que eles recebem as atividades através do celular por meio do *WhatsApp*. Está sendo difícil. Com relação ao acesso à internet nem todos têm acesso, às vezes nem encontra alguém para orientá-los. Alguns alunos têm acesso e outros não. E aí fica difícil de aprender. Para quem não tem acesso a internet fica difícil. E*

alguns não contam com alguém para orientá-los, e os de mais idade têm dificuldade com os meios digitais.”

Na fala de ambos os professores fica perceptível que o envio das atividades apenas por meio do *WhatsApp*, na realidade vivenciada por essa escola, ficou bastante comprometida. Salientamos que, segundo os professores, inicialmente esse foi o único instrumento de atividades remotas usado pela instituição. O acesso limitado à internet por parte dos alunos é um ponto em comum em ambas as falas, merecendo destaque, pois para efetivação desse instrumento é fundamental.

No que tange à interação com a turma (professor e aluno) no grupo de *WhatsApp* criado pela escola para o envio das atividades remotas, foi relatado que:

Professora: “A interação com a turma tem sido muito pouca. A gente tem tido muita dificuldade no sentido de acompanhamento nas devolutivas. Apenas uma pequena parcela dava alguma devolutiva das atividades postadas no WhatsApp. Após uma reunião com a direção, ficou decidido a entrega das atividades impressas. Então essas atividades estão disponíveis na escola, os alunos estão indo lá pegar, porém, nem todos pegaram. Aí nós vamos estar agora postando um vídeo por meio do WhatsApp explicando as atividades que estão sendo encaminhadas.”

Professor: “A interação com a turma nesse período fica um pouco difícil, pois nem todos estão conectados ao mesmo tempo. Alguns falam com os professores pelo grupo de WhatsApp criado pela escola, mas são poucos.”

A aprendizagem se dá também pela interação, pela socialização dos diversos saberes. Sabemos que nesse período pandêmico essa socialização ficou bastante comprometida; no entanto, não havendo um mínimo de diálogo entre os pares, a aprendizagem enquanto processo não se efetua. Na fala dos professores é notado que, pelas dificuldades já anteriormente expostas, poucos alunos conseguem interagir com os professores e utilizar o aplicativo *WhatsApp* para sanar suas dúvidas – o que compromete a aprendizagem.

Sobre as vantagens e desvantagens da utilização do aplicativo em questão como ferramenta metodológica para postagem das atividades, os professores relataram:

Professora: “Eu não vejo muita vantagem em postar atividades no WhatsApp, principalmente para alunos da Educação de Jovens e Adultos. Percebemos que eles não se sentem muito motivados. Alguns estudantes sinalizaram que a memória do celular é pequena. E aí, para eles abrirem e responder a atividade olhando pelo celular também não estavam dando conta. Acredito que agora com as atividades impressas e a gente gravando pequenas videoaulas para que eles possam compreender a atividade vai ficar melhor.”

Professor: “Há uma grande desvantagem porque às vezes o aluno pergunta algo para o professor tirar dúvida, mas sempre fica aquela lacuna, fica alguma dúvida e nem sempre o professor está disponível no momento que o aluno precisa. Então fica difícil. Ficam algumas lacunas a serem preenchidas em conhecimentos e explicações dos professores. Eu não vejo vantagens.”

Apesar de a decisão com relação ao uso do *WhatsApp* ter sido realizada de forma coletiva por acreditarem na aplicabilidade de tal metodologia, após a execução, os professores visualizaram mais desvantagens do que vantagens. Nos relatos acima, percebemos uma inquietação dos professores principalmente no sentido da falta de devolutiva por parte dos alunos, o que se justifica pelas dificuldades de acesso a essa ferramenta metodológica.

4. Considerações Finais

A pandemia iniciada em 2020, trouxe à tona reflexões importantes sobre o uso das tecnologias digitais na educação, sendo que os smartphones e as redes sociais assumiram um protagonismo na manutenção das atividades educativas durante o período de isolamento. Em período de necessidade de retomada de atividades

essenciais, a escola teve muito pouco tempo para se organizar, considerando tantas dúvidas em tempos de incertezas, em especial por não ter um direcionamento gerenciado pelo Ministério da Educação. O governo omissivo, delegou aos estados e municípios uma gerência em tempo de crise, que gerou ações descoordenadas e desordenadas.

O cada um por si, só proporcionou que as divergências sociais afloraram as desigualdades na educação. Nesse contexto, se por um lado, as escolas particulares quase não foram afetadas, com a rápida retomada das aulas, com estratégias de transpor a aula de sala para os equipamentos eletrônicos, fazendo uso massivo de tecnologia digitais e plataformas, por outro, no caso das escolas públicas, que, por não terem assistência, em termos de uso de recursos e do respetivo uso, demoraram a tomar medidas e a procurar alternativas. As tecnologias comunicacionais, em especial as redes sociais de comunicação instantâneas, tiveram o papel de aproximar os distantes, e na ausência de plataformas e planos educativos, foi muitas vezes a única ferramenta utilizada no período de Ensino Remoto Emergencial - ERE (HODGES; et al, 2020).

Assim, o uso das redes sociais, em especial as de comunicação instantânea, assume, segundo Arruda (2020, p. 265), um caráter emergencial, já que “propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial”. O ERE seria, então, essa mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise sanitária (HODGES; et al, 2020), ainda que Paiva (2020, p. 62), ao apresentar as diferenças entre EAD e ERE, considere incorreto “chamar essa ação de ensino, quando não há qualquer tipo de interação entre alunos e professores ou processos de avaliação”.

Com base na análise das entrevistas efetuadas, no âmbito deste trabalho, fica-nos a convicção de que as atividades disponibilizadas pela escola, para as estudantes, por meio do aplicativo *WhatsApp*, se assumiram como um processo formativo que se revelou pouco adequado. As estudantes ouvidas pontuaram algumas de suas dificuldades em efetivar as atividades enviadas, assim como identificaram a dimensão dos obstáculos que se iam levantando nos processos de tirar as suas dúvidas e lidar com as suas inseguranças. Sabendo nós que a maioria dos/as estudantes da modalidade é

composta por trabalhadores/as que exercem ocupações variadas em seus diferentes contextos de vida e que viram todas as suas rotinas diárias alteradas, nomeadamente a sua relação com a Escola, fica-nos uma sustentada dúvida sobre a eficácia das estratégias adotadas, quer no envolvimento dos/as alunos/as, quer nas aprendizagens efetuadas, quer, por fim e talvez mais importante, na promoção dos desejáveis processos transformativos para que a EJA deve contribuir. Em síntese, se é verdade que as Escolas e os Professores procuraram fazer um esforço louvável, para manter um contacto efetivo com os/as estudantes, não deixa de ficar claro que as dificuldades que estes/as experienciaram no desenvolvimento das diferentes atividades educativas, não ajudaram, nem o trabalho desenvolvido, nem a prossecução dos resultados desejados.

Vale a pena sublinhar que a utilização, nesta pesquisa, da técnica de entrevista narrativa se apresentou como muito pertinente, haja vista que, a partir dos relatos das estudantes foi possível identificar a fragilidade dos recursos disponíveis e utilizados pela escola, consubstanciados num único meio de atividade educativa remota, que se revelou pouco consentâneo com as características da comunidade escolar. É importante recordar que, além de contarmos com a participação das estudantes, para esta pesquisa, também tivemos a colaboração de docentes, os quais corroboraram, no essencial, as dificuldades dos/as alunos/as no acesso aos recursos mobilizados, assim como evidenciaram a dificuldade generalizada no desenvolvimento das atividades previstas. Resultou, ainda, muito evidente, segundo a opinião dos docentes, a importância que assume a interação presencial, em particular com pessoas com o perfil das que estão envolvidas na EJA.

Como foi referido no início deste texto, os diferentes autores que se têm ocupado do exercício heurístico de reforçar a especificidade do domínio epistemológico e do campo de práticas da Educação de Jovens e Adultos, sublinham a importância de mobilizar a experiência dos estudantes como principal recurso educativo, ao serviço da problematização de situações vivenciais, promotoras de uma aprendizagem significativa, indutora de ação transformadora. Se pensarmos, particularmente, nos contributos de Paulo Freire, em particular dos contributos da educação para que homens e mulheres possam ser mais, envolvendo-se num processo conscientizador, capaz de gerar condições para a construção de novas realidades existenciais, percebemos, com relativa facilidade, que estes exercícios problematizadores e a prossecução de inéditos

viáveis ficaram muito mais distantes, nas circunstâncias em que foi possível desenvolver as atividades educativas, com as opções metodológicas associadas.

Em jeito de conclusão, e a partir das ponderações que este trabalho nos permite e sugere, percebemos que, assim como em outros momentos e experiências, o público da EJA tem suas singularidades, enquanto pessoas envolvidas numa modalidade de educação, cujas metodologias precisam sempre de se orientar para dar conta dessas especificidades. Acreditamos que o trabalho realizado e as reflexões que ele nos permitiu, em especial num tempo de crise pandémica e consequente isolamento social, poderão contribuir para uma (re)leitura das perspectiva políticas de identificação do lugar dos/das estudantes da EJA, da organização das atividades e dos recursos que podem e devem ser mobilizados. Talvez possamos repetir que esta situação que fomos obrigados a vivenciar nos demonstrou, em simultâneo, que a educação presencial, em particular na EJA, é insubstituível, mas que temos um conjunto de recursos, nomeadamente digitais, que temos obrigação de mobilizar e aperfeiçoar, porque revelam, quando disponíveis e bem utilizados, potencialidades inegáveis para o desenvolvimento das aprendizagens e a possível multiplicação de experiências humanizadoras. Para isso, contudo, é indispensável promover, de forma integrada e coerente, o planeamento e o desenvolvimento atempados de políticas e práticas de acesso e utilização que contribuam, de maneira efetiva, para combater as desigualdades existentes.

Referências

ALCOFORADO, Luís. A Originalidade dos Contributos Educativos de Paulo Freire para a Construção de Sociedades mais Justas. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região**, n. 21, 175-186, 2022.

ALCOFORADO, Luís.; FIGUEIREDO, Ana Beatriz.; AFONSO, Ana. Pandemic Impact on Adult Education and Training Practices in Portugal: Professional Perspective. In Afonso, Ana. Morgado, Lina. Roque, Licínio (Eds.). **Impact of Digital Transformation in Teacher Training Models**. Hershey: IGI Global, pp. 131-139, 2022.

AMADO, João; FREIRE, Isabel. **Estudo de caso na investigação em educação**. in: AMADO, João (coordenador). Manual de investigação qualitativa em educação. 3ª Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann. PARAISO, Marlucy A. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa**. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 15 maio 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 10 set. 2022..

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitário: Revista de Cultura**: 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 5ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Recebido: 20/10/2022. Aceito: 5/12/2022. Publicado: 1/7/2023.

Autores e contato:

Katiuscia da Silva Santos

Doutoranda em Difusão do Conhecimento, membro do Observatório em Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal - OBEJA, e dos Grupos de Pesquisa Gestão, Educação, Ciência & Tecnologias para a Inclusão Social- GEC&TIS. Atualmente é Professora da Rede Municipal de Ensino de Araci-BA.

E-mail: katymssantos@gmail.com.

País: Brasil

Juarez da Silva Paz

Doutorando em Difusão do Conhecimento, membro dos Grupos de Pesquisa Formação de Professores, Autobiografia e Políticas Públicas / Gestão, Educação, Ciência & Tecnologias para a Inclusão Social e do Fórum EJA Recôncavo. Professor da Faculdade Brasileira do Recôncavo e do Colégio Municipal da Embira- Cruz das Almas.

E-mail: juarez.paz@hotmail.com

País: Brasil

Luís Alcoforado

Doutor em Ciências da Educação. Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Investigador do Grupo de Políticas Educativas e Dinâmicas Educacionais, do Centro de Estudos Interdisciplinares CEIS20), da Universidade de Coimbra.

E-mail: lalcoforado@fpce.uc.pt

País: Portugal

Silvar Ferreira Ribeiro

Pós-Doutorado pela Open University - Reino Unido; Doutor em Difusão do Conhecimento, Professor do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT-UNEB); Professor Permanente do Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento . Líder do Grupo de Pesquisa Gestão, Educação, Ciência & Tecnologias para a Inclusão Social.

E-mail: sferibeiro@uneb.br

País: Brasil